



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 13, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 13 - EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. ESTUDOS DA LINGUAGEM.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.13.27>

Recebido em: **07/08/2020**

Aprovado em: **08/08/2020**

RESGATE DA LEITURA EM TURMAS COM DISTORÇÃO IDADE/SÉRIE POR MEIO DA
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS RESCUE OF READING IN CLASSES WITH AGE / SERIES
DISTORTION THROUGH STORY TELLING RESCATE DE LA LECTURA EN CLASES
CON DISTORSIÓN DE EDAD / SERIE A TRAVÉS DEL CUENTO DE HISTORIAS

JAUQUELINE DE JESUS CARVALHO

ROZEVANIA VALADARES DE MENESES CESAR

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5280-5543](https://ORCID.ORG/0000-0002-5280-5543)

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da execução de um projeto temático “Potencializando a leitura através do gênero textual fábula”, que teve o objetivo de resgatar a prática da leitura dos alunos de uma turma do 6º ano, com distorção idade/série, da Escola Municipal Ana Nery, localizada em Itapicuru/BA. Como metodologia, adotou-se uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentando-se em Orlandi (1988), Freire (1989), Abramovich (1991), Ferreiro e Teberosky (1999), Kleiman (2004), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Travaglia (2011), Alencar (2017), Silva (2019). Na execução do projeto, foram realizadas contação de história, leituras de fábulas, apresentações temáticas e produção textual. Com a execução das ações planejadas, foi possível perceber o desenvolvimento dos alunos participantes, uma vez que não hesitam mais ao serem convidados para ler como faziam outrora.

ABSTRACT

This work presents the results of the execution of a thematic project “Potentiating reading through the textual genre fable”, which aimed to rescue the practice of reading students in a 6th grade class, with age / grade distortion, from the Municipal School Ana Nery, located in Itapicuru / BA. As a methodology, a qualitative bibliographic research was adopted, based on Orlandi (1988), Freire (1989), Abramovich (1991), Ferreiro and Teberosky (1999), Kleiman (2004), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Travaglia (2011), Alencar (2017), Silva (2019). In the execution of the project, storytelling, fable readings, thematic presentations and textual production were carried out. With the execution of the planned actions, it was possible to perceive the development of the participating students, since they no longer hesitate to be invited to read as they did in the past.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de la ejecución de un proyecto temático “Potenciar la lectura a través de la fábula del género textual”, que tuvo como objetivo rescatar la práctica de lectura de los estudiantes de una clase de 6º grado, con distorsión edad / grado, de la Escuela Municipal. Ana Nery, ubicada en Itapicuru / BA. Como metodología se adoptó una investigación bibliográfica cualitativa, basada en Orlandi (1988), Freire (1989), Abramovich (1991), Ferreiro y Teberosky (1999), Kleiman (2004), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Travaglia (2011), Alencar (2017), Silva (2019). En la ejecución del proyecto se llevaron a cabo cuentacuentos, lecturas de fábulas, presentaciones temáticas y producción textual. Con la ejecución de las acciones planificadas, se pudo percibir el desarrollo de los estudiantes participantes, ya que ya no dudan en ser invitados a leer como lo hacían en el pasado.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, os professores deparam-se com alunos que têm, à sua disposição, dispositivos móveis conectados à internet que lhes possibilitam uma comunicação em tempo real, ampliando, assim, a interação entre os sujeitos para além do espaço geográfico. Deste modo, vive-se em uma época de acessibilidade instantânea em termos de comunicação, porém, essa forma aligeirada de se comunicar tem afetado o desempenho dos alunos no que se refere à leitura e à interpretação de textos escritos em livros, pois estes estão sendo substituídos pelas mídias digitais, o que se configura mais um desafio para os professores resgatar a prática da leitura, especialmente, dos livros impressos.

Diante dessa realidade desafiante, os professores cada vez mais necessitam não só encontrar táticas (CERTEAU, 2009) para conseguirem adentrar no universo infantojuvenil, mas, principalmente, planejar todo o processo para que as táticas garantam a aprendizagem de seus alunos. Nesse contexto, reforça-se a importância do alinhamento da proposta que se pretende desenvolver ao currículo escolar, o qual norteia o caminho que o docente deve percorrer, passando por reorientações sempre que necessário (MACEDO, 2008).

Nesse sentido, em busca de promover novas aprendizagens dos alunos em relação à leitura, tem-se a contação de história, a qual pode exercer um fascínio e aguçar a imaginação das pessoas que participam desse momento literário, além de possibilitar um processo organizado e em busca de um objetivo pedagógico: a leitura ativa do aluno.

Sendo assim, a prática da contação de história em sala de aula pode, além de despertar nos discentes o interesse pela leitura, possibilitar, também, formas ativas de promoção do letramento literário, o qual se caracteriza enquanto a compreensão social do mundo através da Literatura. Assim, o professor pode propiciar aos envolvidos (alunos) a oportunidade de inserir, entre outras situações, textos literários que proporcionam um modo privilegiado de visão de mundo.

Adentrar o universo educacional com a contação, portanto, é possibilitar um processo de leitura envolvente e dinâmico, uma vez que o leitor toma a experiência do narrador como se fosse dele, ampliando a própria experiência de vida por meio da narrativa lida (RODRIGUES, 2005). Nesse sentido, o professor pode apropriar-se da contação de história para instigar os alunos a ler por prazer, isto é, praticar a leitura como meio de apreciação estética. Além disso, é possível perceber, também, que o ato de contar histórias difunde conhecimentos e valores que são importantes para a formação do caráter do ser humano, bem como ajuda a desenvolver tanto o cognitivo quanto a comunicação, que são relevantes para a formação da personalidade dos sujeitos.

Por essa razão, torna-se significativo que os professores apropriem-se de táticas como a contação de histórias, para tentarem avivar o hábito de ler a partir da contação, inclusive, preparando, também, um ambiente encantador e motivador para que cause nos ouvintes suspense e emoção, por exemplo, tanto por parte de quem conta a história quanto daqueles que as ouvem.

Nesse sentido, a problemática central desse trabalho partiu da seguinte indagação: A contação de história pode ser um recurso que contribui para o resgate da leitura em turmas com distorção idade/série? Para responder ao questionamento e, diante das dificuldades concernentes à leitura, foi proposta a aplicação de um projeto temático intitulado “Potencializando a leitura através do gênero textual fábula”, a partir da contação de história, que envolvesse uma turma do 6º ano, com distorção idade/série, de uma escola do interior da Bahia, localizada no município de Itapicuru. Desse modo, o objetivo do trabalho foi resgatar a prática da leitura por meio da contação de histórias, tendo como base o gênero textual “fábula”, visto que era essa turma que demonstrava mais dificuldade em relação à leitura e, por conta disso, apresentava um alto índice de reprovação.

Este artigo, portanto, reúne os resultados da execução desse projeto. Para isso, realizou-se, previamente, uma pesquisa bibliográfica que pudesse fundamentar a prática, uma vez que teoria e prática devem caminhar juntas, fornecendo possibilidades não só de ação docente mas também de reflexão. Além disso, adotou-se uma abordagem qualitativa, na qual o pesquisador é fundamental, pois observa, seleciona, consolida e analisa os dados gerados (GODOY, 1995), além de ter o ambiente natural como sua fonte de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Como base teórica, utilizou-se uma metodologia de revisão de literatura, a partir de Brasil (1988), Orlandi (1988), Freire (1989), Abramovich (1991), Solé (1998), Ferreira e Teberosky (1999), Coelho (2000), Kleiman (2004), Cafiero (2005), Marcuschi (2008), Barbosa e Horn (2008), Antunes (2009), Silva (2011), Travaglia (2011), Lima e Rosa (2012), Alencar (2017), Silva (2019), que tratam da importância da leitura, da contação de histórias na formação do aluno leitor e do ensino pautado em gêneros textuais.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O INCENTIVO À LEITURA

Como os sujeitos são apresentados ao “mundo” da leitura? Em primeiro lugar, essa inserção ocorre por meio da contação de histórias, por influência de outro leitor como, por exemplo, os pais, os familiares, os amigos e os educadores. Abramovich (2009) afirma que a criança entra nesse mundo da leitura por meio da contação de histórias. No entanto, com a modernização e com a atual formação familiar, na qual muitas mães saem de casa para trabalhar, assim como os pais, a função da contação de história tem sido tarefa quase que exclusivamente da escola.

A contação de histórias pode ser considerada uma metodologia para todas as idades, além de ser uma prática milenar. Os primeiros contos, por exemplo, eram orais e foram, após, reunidos e publicados por Charles Perrault por volta do século XVII. As várias narrativas que surgiram, posteriormente, serviram para estimular cada vez mais a leitura e a contação de história. No entanto, com o passar do tempo e com as mudanças na sociedade, essa prática foi ficando escassa, principalmente no seio familiar.

Nesse sentido, a leitura, que deveria ser, primeiramente, incentivada pela família, fica reservada à escola, e o professor assume total responsabilidade no processo de inserção desse aluno no mundo literário. Desse modo, por vezes, os alunos demonstram problemas no que se refere ao processo de letramento literário, pois não dispõem de um ambiente que propicie práticas de leitura e oralidade. A família, portanto, tem um papel essencial nesse processo do leitor iniciante, pois não só o estímulo mas também o ambiente é que torna a leitura um hábito prazeroso.

Dessa maneira, a leitura não pode ser algo imposto ou por obrigação, é preciso que haja entusiasmo, incentivo, motivação e, acima de tudo, interação, isto porque a técnica de leitura inclui os sujeitos e suas especificidades. Nessa linha de pensamento, Antunes (2009, p. 195) alega que

A leitura é uma espécie de porta de entrada; isto é, é uma via de acesso à palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. É uma experiência de partilhamento, uma experiência do encontro com a alteridade, onde, paradoxalmente, se dá a legítima afirmação do eu.

Vinculado a essa concepção, é possível perceber que, o ato de ler possibilita ao sujeito ser partícipe, isto é, ativo da sociedade na qual está inserido e tornar-se, portanto, um cidadão consciente e, ao

mesmo tempo, crítico. Na opinião de Solé (1998, p. 22), “[...]os textos que lemos também são diferentes e oferecem diferentes possibilidades e limitações para transmissão da informação escrita”. Dessa forma, o conteúdo proposto no texto selecionado impõe ao leitor uma compreensão em relação à forma como está organizado ainda que de modo intuitivo. Aqui, cabe lembrar que

Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior sua exposição a todo tipo de texto mais fácil será sua compreensão, pois o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável na compreensão (KLEIMAN, 2004, p. 20).

Considerando esse contexto, observa-se que a leitura é um importante recurso que ajuda na construção de conhecimentos, além de permitir ao leitor a oportunidade de permanecer aprendendo na perspectiva de ajudar, também, a desenvolver as capacidades cognitivas e de linguagem, as quais podem colaborar para a formação de um leitor capaz de ler nas entrelinhas. Desse modo, “Como atividade cognitiva, pressupõem que, quando as pessoas leem, estão executando uma série de operações mentais que vão além da decodificação e utilizam estratégias, algumas inconscientemente e outras conscientemente” (CAFIERO, 2005, p. 08), ou seja, é uma atividade que proporciona ir além do plano da decodificação, porque trabalha compreensão e interpretação textuais.

Aprofundando o tratamento da questão, observa-se que a capacidade da leitura aponta que “O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos” (BRASIL, 1998, p. 70). Diante disso, percebe-se a urgência de uma reflexão sobre a forma como os sujeitos compreendem um texto.

Assim, os professores precisam utilizar metodologias que colaborem para a formação de leitores. Sendo assim, ao incentivar a leitura, tanto a escola quanto os professores ajudam os alunos a descobrirem “novos” mundos, porém para que a leitura cause o impacto desejado, é necessário que o docente faça uma sondagem sobre o conhecimento de mundo do discente, pois

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Freire, ao mencionar a leitura de mundo, referiu-se às experiências vivenciadas pelo leitor em algum momento de sua vida. É preciso lembrar que, não raro, os textos trazem informações de fatos idos como, por exemplo, históricos, crenças e mitos (para citar alguns), que são artifícios utilizados pelo autor desses textos na perspectiva de travar um diálogo com o leitor. Em outras palavras, é uma forma de o leitor interagir com o texto fazendo um comparativo com o acervo que já conhece.

Assim, “[...] é a natureza da relação que alguém estabelece com o texto que está na base da caracterização da legibilidade” (ORLANDI, 1988, p. 09). Desse modo, o leitor relaciona seu conhecimento de mundo ao que traz no texto, como também se relaciona com o chamado leitor virtual, aquele que foi pensando pelo autor no momento da escrita. Ademais, não é só a relação entre os interlocutores que é importante, mas os modos de leitura (possíveis, propostos e pressupostos). Esses modos variam, podendo ter como elemento organizador, por exemplo, a relação do texto com o autor (o que o autor quis dizer?), relação do texto com o leitor (o que você entendeu?) (ORLANDI, 1988).

Essas constatações demonstram a complexidade que envolve o processo da leitura. Ato que começa muito antes mesmo de o aluno conhecer as letras, o alfabeto, muito antes de ele decodificar. Mas a leitura começa com a ativação do olhar, com os estímulos e com a criação de uma ambiente que proponha contato com o mundo letrado, o que pode ser oferecido por meio da contação de histórias.

3 CONTRIBUIÇÕES DAS FÁBULAS COMO POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

3.1 Gêneros textuais: a fábula

Gêneros textuais são os textos que se materializam no cotidiano dos sujeitos. Além disso, possuem características sociocomunicativas e são definidos de acordo com a função, a composição, o conteúdo e o canal. Ainda convém lembrar que existe uma infinidade de gêneros textuais, os quais possibilitam uma comunicação entre os interlocutores, ou seja, o emissor e o receptor. Sendo assim, Marcuschi (2008, p.155) ressalta que

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, institucionais e técnicas.

Assim, cada gênero textual possui estilo, estrutura e função próprios. Nesse sentido, Travaglia (2011) questiona o que significa tomar o gênero como centro do ensino, isso inclui, para o autor, conhecer as suas propriedades, isto é, a composição interna, as características linguísticas ou a estrutura composicional do gênero.

Há várias possibilidades pedagógicas, dentre os vários gêneros que existem, pode-se mencionar, por exemplo, o romance, a novela, a crônica, os contos de fadas e as fábulas, que se caracterizam como gêneros textuais narrativos. O gênero fábula, por exemplo, é um texto geralmente curto, escrito em prosa, possui narrador, personagens, foco narrativo, enredo, tempo e espaço, o que o torna do tipo textual narrativo. Seu estilo é simples e foi escrito, inicialmente, com a função de ensinar valores morais. Desse modo, pode-se definir a fábula como uma narrativa figurada, pois seus personagens são, comumente, animais que agem e pensam como humanos (LIMA; ROSA, 2012).

As fábulas surgiram com Esopo, no século VI a. C., sendo recontadas por Jean de La Fontaine, no século XVII, chegando ao Brasil por meio do escritor Monteiro Lobato no século XIX. (LIMA; ROSA, 2012). Tal gênero traz importante compreensão social e novos ensinamentos, uma vez que, mesmo sendo imaginários, traz, em suas narrativas, apontamentos sobre o modo de ser e viver das pessoas, sobretudo, no que se refere a valores, ética, respeito e amizade entre outros aspectos. Acrescenta-se ainda que, o gênero fábula, assim como outros, narram e registram o cotidiano de um povo. De acordo com Coelho (2000, p 165), a fábula mostra a

[...] narrativa de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. A fábula é uma narração alegórica, quase sempre em versos, cujos personagens são, geralmente animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas, sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos.

Sendo assim, o uso do gênero textual fábula torna-se um recurso de grande valia, uma vez que, por meio da contação de histórias, tanto ouvidas quanto lidas, o professor pode valer-se da narrativa para explicar, por exemplo, não só a moral da história mas o valor estético do texto, o tema principal abordado na fábula. Além disso, os alunos podem fazer um comparativo do que leram, com a sociedade em que estão inseridos, reescrevendo as histórias. Percebe-se, portanto, que não pode ser um trabalho que se limite a mostrar a moral da história, isto é, não pode limitar-se ao ensino de valores morais, como lembra a especialista Regina Scarpa[1], mas deve ter como essência a apreciação literária, as várias possibilidades de interpretação do texto, e o estímulo à leitura e à escrita, bem como ao desenvolvimento da oralidade.

Paulo Freire já chamava a atenção para a importância de uma apreciação do texto, pois, segundo o educador “Qualquer que seja o texto, terminada a sua leitura, é indispensável a discussão em torno dele” (FREIRE, 1989, p. 28). Desse modo, é essencial que o docente reserve, logo após a leitura, um momento de apreciação literária, de uma escuta ativa do professor, fazendo perguntas, colocando em discussão as características dos personagens, fazendo analogias, relacionando as falas dos alunos, retornando ao texto sempre que necessário. Ainda, sobre esse assunto, Abramovich (2009, p. 162) afirma que

[...] ouvir ou ler histórias é uma possibilidade que a criança encontra para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e as soluções que todos os seres humanos vivem e atravessam ao longo da vida. Assim, é através de uma atividade prazerosa de leitura ou ouvir histórias que se pode descobrir outro lugar, outros tempos, outros modos de agir, de pensar e ser.

Dessa maneira, como dito anteriormente, o ato de contar histórias é de suma importância, pois, como afirma a autora supracitada, ouvir ou ler histórias é crucial no descobrimento de novas experiências de mundo, de vida. Assim, é preciso pontuar que ouvir histórias é essencial para a evolução do ser humano e, inclusive, despertar habilidades concernentes à comunicação. Antigamente, no âmbito dos povos ancestrais, era comum reunirem-se para ouvir e contar histórias com a finalidade de trocar experiências e, até mesmo, como uma forma de diversão (SILVA, 2011). Essa prática mantinha as tradições vivas, e a cultura de um povo era passada de geração a geração.

Também é possível inferir que o ato de contar história é um potencial recurso para despertar, entre outros aspectos, a observação, a reflexão e estimular a memória. Tendo em vista tais possibilidades, cabe aos professores apropriar-se da contação de histórias como um possível encaminhamento no processo de leitura e de escrita dos alunos, já que “As histórias exercem um fascínio sem igual. Elas nos marcam, nos fazem parar para refletirmos sobre nossas ações, para desejarmos ser melhores pessoas” (ALENCAR, 2017, p. 26). Assim, o trabalho, na sala de aula, com a contação de histórias por meio do uso das fábulas pode ser um aliado no resgate da leitura em turmas com distorção idade/série, o que será discutido a seguir.

3.2 Execução do projeto

A pedagogia de projetos é um encaminhamento metodológico que tem como finalidade ensinar por meio da troca de experiência, além de orientar o trabalho do professor, é uma visão interdisciplinar do conhecimento a ser construído. Também é um excelente recurso para desenvolver a autonomia dos alunos, tendo o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Barbosa e Horn (2008) um projeto é:

[...] uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização. Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de grupo, um modo próprio de abordar ou construir uma questão e respondê-la. (BARBOSA e HORN, 2008, p. 31)

Por isso, quando o professor vale-se dessa metodologia nas práticas pedagógicas, os alunos são provocados a assumir outras atitudes enquanto principiantes do processo de ensino e aprendizagem e, dessa forma, abre-se um leque de oportunidades e benefícios que os favorece. Nessa lógica, diante das dificuldades concernentes à leitura, presenciadas em muitos contextos atuais, foi aplicado o projeto “Potencializando a leitura através do gênero textual fábulas”, a partir da contação de história, com a turma do 6º ano V3, com distorção idade/série, da Escola Municipal Ana Nery, no município de Itapicuru/BA. Tal turma foi escolhida porque apresentava maior dificuldade em relação à leitura e, por conta disso, apresentava um alto índice de reprovação.

Sobre esse assunto, vale ressaltar que ao repetir, a escola oferece mais uma oportunidade de recomeçar. Porém, se o ensino é oferecido nas mesmas condições, o aluno seria levado apenas a repetir os mesmos erros, frustrando-se e, conseqüentemente, desistindo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Nesse sentido, é imprescindível que o docente busque metodologias que possam resgatar esse aluno, que possam envolvê-los, ajudando-o em seu desenvolvimento, pois, “No caso do sistema educacional, poder-se-ia perguntar se não é este que abandona o desertor no momento em que não possui estratégias para conservá-lo nem interesse de reintegrá-lo” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.20). Assim, a contação de história é uma estratégia que pode ajudar a resgatar a leitura, inclusive, a resgatar o próprio aluno.

No que diz respeito à escolha da instituição para se aplicar o projeto, deu-se em razão de uma das autoras deste texto ministrar aulas de português na referida escola e perceber a necessidade de fazer algo para estimular os alunos na prática da leitura, assim, promover novas aprendizagens a partir da contação de história na sala de aula. De acordo com Irandé Antunes “Toda atividade pedagógica de ensino de português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, uma determinada concepção de língua.” (ANTUNES, 2003, p.19). Dessa forma, a metodologia adotada seguiu as orientações de um ensino de língua que tem como concepção a leitura como atuação social, ou seja, que entende que a língua em função apenas ocorre sob forma de textualidade. Logo, deve-se privilegiar um estudo partido do texto.

Diante do exposto, foi elegido como objeto de ensino, para a já citada turma, o gênero textual fábula como estratégia de leitura e, posteriormente, como estratégia de escrita, já que os alunos reescreveram as histórias lidas. Assim, à medida que os alunos apropriavam-se da contação de histórias, envolviam-se em práticas de leitura e escrita, o que é de suma importância, já que ambas devem caminhar juntas, isto é, deve-se formar não só um aluno leitor, mas também um aluno escritor (de textos).

Para atender o objetivo pretendido, o qual seja desenvolver a prática da leitura dos alunos do 6º ano V3, da Escola Municipal Ana Nery, bem como a compreensão dos textos literários trabalhados, os quais abordavam temáticas sociais, foram traçados os seguintes percursos metodológicos: apresentação de fábulas selecionadas a partir da contação de história; discussão com os alunos após a história contada e comparação dos comportamentos presentes nas fábulas com os da sociedade atual.

O gênero fábula foi exibido aos alunos a partir da contação de história. Além disso, foram apresentados para eles alguns autores de fábulas, principalmente, os mais comentados como: Leonardo da Vinci, La Fontaine e Escopo. Além disso, distribuíram-se fábulas (impressas) entre os alunos para leitura individual e, em seguida, apresentação para a classe sobre o entendimento diante das leituras realizadas.

Esse procedimento metodológico fez-se necessário, visto que ajuda, também, a promover e desenvolver o potencial interacional do aluno através da oralidade. Esse entendimento inicial foi importante para que os alunos pudessem envolver-se melhor com as narrativas que seriam contadas, ou seja, com as fábulas. Além disso, precisavam reconhecer, na contação e nas leituras posteriores, a fábula como um gênero narrativo que instiga a criatividade, imaginação e a reflexão.

Quem não lê não sabe o verdadeiro sentido de sonhar e de imaginar, pois, a leitura nos possibilita alcançar outros horizontes além do que imaginamos. Quem lê passa a ver as coisas com um olhar crítico, impulsiona as aptidões, abre o contato com o mundo, inclusive o mundo da imaginação, da transmissão e da recepção de informações (SILVA, 2019 p. 20).

Sobre as implicações pedagógicas que devem orientar o professor no ensino de leitura, Antunes (2003) apresenta a leitura interativa (que leve em consideração a relação autor/texto/leitor), motivada, em duas vias (que vise também a escrita), do todo (compreensão global do texto lido), leitura crítica e diversificada. Além disso, a leitura propõe ampliação do repertório de informação, prazer estético e é pela leitura que se aprende os padrões gramaticais e o vocabulário específico de certos gêneros. A respeito disso, Silva (2019, p. 14) afirma que

A leitura na formação de um educando desenvolve a informação e aperfeiçoa o vocabulário escrito e oral, torna o raciocínio dinâmico, favorece ao domínio da tecnologia, do desenvolvimento do espírito crítico, além de estimular o interesse pela busca do saber e conhecer.

Dentro dessa perspectiva, para provocar os alunos e aguçar a imaginação, foram apresentadas várias fábulas. Pressupõem-se que uma metodologia de leitura, por meio do gênero textual fábula, pode, inclusive, além dos benefícios já citados, melhorar o vocabulário, tanto escrito quanto verbalizado, visto que o professor pode valer-se desse gênero textual para explorar a produção de sentidos na interação entre autor, texto e leitor.

Antes de os alunos terem acesso às fábulas para fazerem a leitura, houve a contação de histórias, ou seja, cada dia da semana era apresentada a contação da história de um fábula. Depois de ouvi-las, eles escolheram uma e levaram para casa, leram e, no outro dia, recontaram para os colegas, durante a conversa literária, na qual debateram as situações que são similares no dia a dia, as características dos personagens, que se assemelham às características dos humanos. Além disso, posteriormente, reescreveram as histórias que tinham lido.

Durante a execução do projeto, que teve duração de um semestre, foi apresentada uma sequência de fábulas de estilos variados tais como: A Lebre e a Tartaruga, O Leão e o Ratinho, A Formiga e a Pomba, A raposa e as Uvas, A Assembleia dos Ratos (Esopo). Os alunos puderam perceber que as fábulas trazem algumas reflexões que podem ser observadas nas experiências humanas, tais como “Quem segue devagar e com constância sempre chega na frente”; “Nas horas difíceis é que se conhecem os amigos”; “Uma boa ação paga a outra”; “Quem desdenha quer comprar” e “Dizer é fácil, fazer é que são elas”, respectivamente. Além disso, foi possível promover um momento propício à leitura e oralidade, instigando-se a conversa literária.

No eixo “oralidade”, Antunes (2003) ressalta a importância de uma oralidade orientada para a coerência global, ou seja, para o entendimento do tema discutido, visto que muitos alunos “leem”, mas não sabem dizer sobre o que acabaram de ler, o que pode ser resultado de um analfabetismo funcional. Outra orientação mencionada pela autora é que a oralidade seja trabalhada para estimular a habilidade de escuta, pois muitos alunos têm dificuldade no desenvolvimento dessa habilidade.

Além das narrativas já citadas, para compor o rol do debate, contou-se, também, com as demais fábulas “O Menino e o Lobo”, “A raposa e a Cegonha” (La Fontaine), que suscitam reflexões como “A verdade é sempre o melhor caminho” e “Aqui se faz, aqui se paga”, bem como “A garça Velha” (Monteiro Lobato), que assim ensina: “Ninguém acredite em conselho de inimigo”.

É importante salientar que, para cada fábula apresentada, houve um direcionamento metodológico com foco na leitura e na interpretação de texto, visto que a proposta da intervenção era de propiciar aos alunos atividades prazerosas de leitura, reconto e, por fim, reescrita.

Dentre as apreciações, houve momentos, na sala, de retomada do texto por meio de (re)leitura compartilhada e autônoma, ou melhor, individual, para identificar os protagonistas e antagonistas, bem como suas principais características. Buscou-se, também, evidenciar para a turma aspectos técnicos das fábulas tais como: título, autor, editora e ano de publicação (para citar alguns). Como existem várias formas de se ter contato com uma obra, sempre havia uma variação nesse sentido: ora se iniciava a conversa literária pela apresentação da história, ora pela apresentação das ilustrações, fazendo-se uma apreciação que buscasse ativar o olhar do aluno, que buscasse chamar a atenção deles para os personagens, perguntando-se as características, por exemplo.

Desse modo, os alunos foram orientados a identificar os personagens principais, os secundários, o narrador, além do tema e, em seguida, socializaram o que entenderam para os colegas. Vale ressaltar que, além da leitura, também foram exploradas as reflexões que o gênero escolhido promove, uma vez que um dos fatores relevantes no processo da leitura é a sua “incompletude”, relacionada ao que está implícito e à intertextualidade (ORLANDI, 1988). Assim, o aluno precisa ser estimulado a completar esses sentidos, a ler o que está implícito, e a fazer relações com seus conhecimentos de mundo, a interpretar os vários sentidos, pois “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (ORLANDI, 1988, p.11).

Para a avaliação desse processo, considerou-se: a oralidade durante as leituras, sistematização das ideias em relação à interpretação e reescrita (em grupo de 4 alunos) do gênero textual trabalhado, com ênfase para a coesão e coerência dos textos reescritos, características essenciais durante uma produção textual, como afirma ANTUNES (2003). Como produto final, além da reescrita, os alunos escolheram algumas fábulas, dentre elas “A Raposa e a Cegonha”, e as reproduziram à luz de peças teatrais, que foram apresentadas para toda a comunidade escolar, momento em que os pais também se fizeram presentes.

Somando-se a isso, foram apresentados questionamentos que serviram como norteamento para a construção da (re)escrita da fábula, os quais sejam: O que vocês entenderam da história? O que foi servido no jantar? A cegonha conseguiu tomar a sopa? Houve vingança? Qual foi o recipiente que a cegonha serviu a sopa para a raposa? Qual foi a reação da raposa após o jantar? Qual a moral da história? A partir dos questionamentos os alunos (re)escreveram a história seguindo o roteiro das perguntas, como se pode constatar a seguir na produção da aluna “A”[2], da referida turma.

Eu entendi que a raposa convidou a cegonha para jantar em sua casa e lá ela lhe serviu um prato de sopa em um prato raso, e depois de um tempinho a raposa perguntou se a sopa estava gostosa. Mais na verdade a cegonha não estava conseguindo tomar a sopa por causa de seu bico comprido e per a sopa estava servida em um prato raso. Mais em outro dia a cegonha convidou a raposa para jantar em sua casa perto do lago, chegando lá na casa da cegonha, a cegonha serviu a sopa em um jarro fundo, claro que a cegonha conseguiu tomar toda a sopa, já a raposa mal conseguiu colocar o focinho no jarro, ela tentou várias vezes mais ela não conseguiu. Mais depois mal humorada se despediu da cegonha, e foi embora muito zangada. Moral da história: Quem faz o mal, só recebe o mal.

Ao analisar a reescrita da aluna[3], observou-se que ela ainda não tem o domínio das noções de pontuação, grafia das palavras, entre outros elementos que compõem a escrita. Porém, por ser uma aluna do 6º ano, apresenta bom nível de escrita. Além disso, consegue reescrever a história de modo coerente e coeso, embora com alguns empregos inadequados de conectivos (mais no lugar de mas, por exemplo). A maioria dos discentes conseguiu (re)escrever a fábula, ou seja, assimilou a história e recontou com as próprias palavras. Dessa forma, a partir do que foi observado e analisado, a maioria dos discentes sentiram-se estimulados a ler a partir do gênero textual “fábula”.

Por outro lado, as limitações observadas durante a aplicação do projeto foram percebidas quando três alunos recusaram-se a interagir com os colegas, principalmente, nos momentos em que foram convidados a ler em voz alta e verbalizar sobre o que haviam entendido das narrativas lidas. Nesse sentido, as conclusões em relação aos resultados ficam limitadas a conclusões parciais devido a não participação da turma como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo teve como propósito resgatar a prática da leitura dos alunos do 6º ano V 3 que apresentavam dificuldade no que se referia à leitura. Esse encaminhamento foi necessário por percebermos as dificuldades que a turma apresentava quando eram solicitados a ler pequenos textos. Nesse sentido, a leitura ajuda a adquirir conhecimento, pois através da decodificação de signo, que acontece por meio do contato entre o autor com o leitor interposto pelo texto, ajuda a desenvolver a imaginação e melhorar o vocabulário (para citar algumas benesses).

Ter prazer em ler é resultado da prática. Sendo assim, o espaço escolar deve propiciar o hábito da leitura, trabalhando com metodologias que chamem a atenção do aluno como uma forma de estimulá-los. Considerando esse contexto, o professor torna-se o mediador e responsável por planejar situações didáticas que viabilizem o interesse dos alunos, visto que uma leitura que não seja de relevância para o aluno não surtirá o efeito desejado.

Diante desse quadro, foi aplicado um projeto temático que teve como “protagonista” o gênero textual “fábula”, no qual verificou-se que boa parte dos alunos engajaram-se no processo de forma voluntária, principalmente porque, antes da apresentação das fábulas exploradas, houve a contação do enredo por parte da professora da turma.

Ao trabalhar-se com as fábulas em razão do déficit de leitura da turma na perspectiva de aguçar o gosto pela leitura, além de introduzir de forma gradativa outros gêneros literários. Por outro lado, seria uma forma de familiarizá-los aos poucos apresentando-lhes leituras menos densas.

Para alcançar o objetivo desejado, portanto, foi feita uma sequência didática, dentro do projeto, com algumas fábulas focando diversos pontos da história. Essa metodologia mostrou interação entre os alunos, uma vez que, ao terminarem de ler as fábulas, a maioria dos alunos socializavam, de maneira espontânea, o que entenderam. Além disso, reescreveram as histórias lidas, inclusive com um repertório vocabular significativo.

Nesse percurso, o resgate da prática de leitura em turmas com distorção idade/série por meio da contação de história do gênero fábula foi percebido, já que a maioria dos alunos apresentaram características como o amadurecimento da leitura, inclusive, com um vocabulário mais desenvolvido. É possível citar também a satisfação dos alunos ao serem convidados para ler, melhor concentração, criatividade e melhor relacionamento interpessoal.

Evidentemente que este trabalho não restringe o vasto campo de possibilidades de trabalho com

leituras literárias, muito menos de trabalho com gêneros em sala de aula, mas aponta para metodologias alternativas que possam instigar os alunos à prática da leitura, principalmente, de textos impressos. Assim, diante dos resultados obtidos, a comunidade escolar decidiu agregar outros gêneros textuais para dar continuidade a ação, o que, posteriormente, será planejado e colocado em prática.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

ALENCAR, L. **Transforme vidas contando histórias**. [E-book]. [s.l.]. 2017. Disponível < https://www.facebook.com/liviaalencaroficial/posts/482484598795429?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D > Acesso em 5 de ago. 2020.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, M. das Graças. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999. 304 p.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. v.4. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: RAE, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitura: Aspectos cognitivos da Leitura**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues Lima; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do UNILASALLE**. v. 1 n. 1, maio, 2012, p. 153-169. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/download/350/289>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Eliza Dalmazo Afonso Marli de. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SILVA, Rosimeire Cardoso Faria Soares da. **Histórias para ler o mundo**. 2011. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós- Graduação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Centro de Estudos Latino Americanos sobre a Cultura e Comunicação, 2011. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/294-987-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SILVA, Josimária Fernandes da. **A contribuição da leitura de histórias infantis no processo de ensino aprendizagem**. 2019. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15136/1/JFS03072019.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é um ensino de Língua Portuguesa centrado nos gêneros? In: **Anais do SIELP**. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 509-519. ISSN 2237-8758

[1] Regina Scarpa, especialista em alfabetização, doutora e mestra pela USP, fala sobre o trabalho com literatura na escola. Ela discute sobre as diferentes compreensões das histórias pelas crianças e chama a atenção para o professor não restringir os significados dos livros em suas intervenções. Disponível em: <https://youtu.be/GLb3RPZHdHo>. Acesso em: 18 jul. 2020.

2 Optou-se por nomear com a letra “A” para preservar o anonimato da aluna.

3 Todos os alunos reescreveram a fábula, no entanto, apenas a aluna “A” permitiu o uso da sua reescrita na produção deste artigo.

Jaqueline de Jesus Carvalho *

Pedagoga e especialista em Autismo, Educação Inclusiva e AEE. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior. Cursando especialização em Neuropsicopedagogia. Trabalha com consultoria educacional. Participa do Projeto “Mamães azuis” e atua na rede particular de ensino. Também é professora na Faculdade Jardins – FAJAR. E-mail: carvalhoj13@yahoo.com.

Rozevania Valadares de Meneses César**

Professora da rede estadual em Tobias Barreto-SE e municipal em Itapicuru-BA. Mestra em Educação (UNIT/SE). Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Culturas Digitais – Ecult (UFS/CNPq) e do Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES (UFS/CNPQ). E-mail: rozevaniavcesar@hotmail.com